

# TRABALHO E RACISMO NA “ARACAJU ROMÂNTICA” DOS ANOS 1940 E 1950

José Edwyn Silva  
Gomes

Graduado em História pela  
Universidade Federal de  
Sergipe (UFS).

Recebido: 20/05/2022  
Aprovado: 28/06/2022

## RESUMO

Nos areas da “Aracaju Romântica dos anos 1940 e 1950” histórias de mulheres e homens negros se desenrolaram, verdadeiras tramas foram protagonizadas por estes sujeitos até então “excluídos da história”. Apresentamos resultados preliminares acerca da história de vida de Rosalina Santos. É uma grande honra “costurar” a história de vida da minha prima. Costureira das “madames” brancas da capital, neta de ex-escravizados, Rosalina Santos nasceu em Divina Pastora/SE em 1924 e se destacou como costureira da dita “alta sociedade aracajuana”. Com resultados preliminares, apresentamos aspectos do seu cotidiano, identificando nas suas memórias o racismo presente nas relações de trabalho. Quais foram os efeitos do racismo cotidiano na sua trajetória? Como foi possível tornar-se costureira dessa clientela? Quais eram as condições de trabalho para mulheres negras nesse período? Quais foram as suas estratégias, suas tomadas de decisão?

## PALAVRAS-CHAVE

Famílias negras; História oral; Pós-abolição.

## Introdução

A escrita da trajetória de vida de uma mulher negra é um ato de insurgência, é fuga da regra, é rompimento com a tradicional e viciosa escrita de/sobre homens brancos herdeiros de antigos engenhos de açúcar da “doce cotinguiba” sergipana. Era e ainda é muito comum a escrita desses conhecidos e reconhecidos, mas a escrita sobre a vida de uma mulher negra, neta de ex-escravizados é uma contribuição importante para a compreensão não só de suas experiências individuais, mas também coletivas, de negras e negros invisibilizados pela História e pela sociedade em geral.

Tal empreitada não é uma missão simples e nem fácil do ponto de vista operacional, exige enorme dedicação uma vez que não encontramos fontes tão fáceis quanto as que a burguesia produz costumeiramente tais como inventários, diários, livros de memória, anotações etc. O regime da escravidão impediu que os escravizados aprendessem a escrever, nem todos puderam aprender a arte da escrita, assim como também nem todos deixaram testamentos, inventários, anotações.

Diferente de Dona Sinhá,<sup>1</sup> no caso da minha família, as informações (principalmente a nossa genealogia) estava viva, pulsando nas memórias de Rosalina Santos, uma nonagenária, protagonista desse artigo. A História Oral como método foi fundamental pois produziu uma transformação nos enfoques da história, auxiliando na produção de fontes de sujeitos e sujeitas antes esquecidos. “Contudo, não é suficiente apenas dar voz aos silenciados. É imperioso detectar e entender as multiformes gradações e significações do silêncio e do esquecimento e suas regras e jogos”.<sup>2</sup>

Como nos sugere Beatriz Nascimento “É tempo de falarmos de nós mesmos não como contribuintes nem como vítimas de uma formação histórico social, mas como participantes desta formação”.<sup>3</sup> É com base nessa perspectiva que escrevo essa história, que se configura como trabalho de História de vida e que tem por objetivo inicial a análise das memórias e a experiência de Rosalina Santos, contribuindo nos estudos sobre escravidão e pós abolição em Sergipe.

Seguindo o pensamento dessa grande intelectual sergipana, propomos uma escrita que privilegie a presença negra em Aracaju e a região periférica. É importante reconhecer que a periferia aracajuana nos anos 1940 e 1950 não era só prostituição, confusões ou miséria, como alguns estudos insistem ao utilizar documentos como queixas-crime ou notícias das páginas policiais dos jornais de época. Na periferia, nos areais de Aracaju haviam famílias, mulheres e homens migrados do interior como Rosalina Santos, José Antero dos Santos, Maria Ermita da Conceição Santos, Maria de Lourdes dos Santos, José Gomes dos Santos, Antonina Gomes dos Santos e outras/outros que ocuparam esse

---

1 Conhecida como Dona Sinhá, Aurélia Dias Rollemberg nasceu em 1863 no Engenho Escurial e deixou um texto de memórias, uma autobiografia que remonta o século XIX. Ver: Samuel Barros de Medeiros Albuquerque, *Memórias de Dona Sinhá*. Aracaju: Typografia Editorial/Scortecci Editora, 2005.

2 Ulpiano T. Bezerra de Menezes, “A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais”, in: *Rev. Inst. Est. Bras.* - SP, 1992, p. 18.

3 Beatriz Nascimento, *Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos*; organização: Alex Ratts. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 101.

espaço e que de diversas formas contribuíram para a ocupação e crescimento da capital.

É crescente o número de trabalhos que abordam a mulher como tema, fruto do movimento feminista, assim como da própria historiografia que passou por uma transformação do seu arcabouço teóricometodológico. A princípio a mulher era abordada de forma universal ou homogênea, como sendo apenas mulher (leia-se branca e francesa), posteriormente passaram a ser analisadas de acordo com os grupos que pertenciam e suas especificidades étnicas, culturais, sociais e econômicas.

Conforme Michelle Perrot, em busca desse “mundo das mulheres”, os trabalhos mais recentes se caracterizam pela análise da sociabilidade, “suas formas próprias de expressão, sua “cultura”, em suma. Corresponde sem dúvida a uma fase de reavaliação eufórica da história das mulheres, e ao mesmo tempo à descoberta do prazer do convívio feminino”.<sup>4</sup>

Se as mulheres brancas não eram vistas, eram “excluídas da história”, o que dizer das mulheres negras? A literatura clássica da escravidão descrevia a *escrava* a partir de figuras como a “mucama” ou da “mãe preta”, enquanto objetos de prazer, iniciadoras sexuais, ou como passivas e dóceis.<sup>5</sup>

Segundo Gonzalez, houve uma difusão da ideia de que a situação do negro no Brasil era fruto da sua acomodação, da sua passividade e que por isso aceitou a escravidão e os efeitos dela nos anos seguintes. Mas segundo a autora, a mulher negra, principalmente a figura da “mãe preta”, engendrou ao seu modo um tipo de resistência que será apresentado posteriormente.<sup>6</sup>

A questão das relações raciais será analisada no que diz respeito ao trabalho de costureira das famílias brancas e ricas de Aracaju. Procuraremos entender de que forma Rosalina se manteve como costureira dessas famílias e quais foram os efeitos dessas relações. Houveram situações de racismo na sua trajetória? De que forma ela lidou com essas situações? De acordo com o que foi proposto por Lélia Gonzalez, procuraremos identificar a “resistência passiva” nos seus relatos, o “jogo de poderes” presente na sua experiência.

Através das entrevistas orais, buscaremos identificar os vestígios, os indícios desse racismo presente nas relações de trabalho e atuação de Rosalina na “Aracaju romântica”.<sup>7</sup> Assim, ao constatar situações de racismo cotidiano nos anos 1940 e 1950 em Aracaju, realizamos um contraponto ao mito da “democracia racial”, originado a partir da escrita de Gilberto Freyre. Para melhor compreensão, faremos a seguir uma breve incursão na historiografia brasileira que aborda sobre escravidão e pós-emancipação.

---

4 Ver Michelle Perrot. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*; seleção de textos e introdução de Maria Stella Martins Bresciani; tradução Denise Bottmann. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. p. 157.

5 Como sugere Grada Kilomba, utilizamos os termos “*escrava ou escravo*” em itálico de forma figurativa, como representação utilizada no período que tratamos. Opto pelo termo *escravizada(s)* ou *escravizado(s)* para descrever o processo de desumanização. ver Grada Kilomba, *Memórias da Plantação: Episódios do racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: editora Cobogó, 2019.

6 Lélia Gonzalez, *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*, organização: Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

7 Em alusão à obra literária de Murillo Melins, *Aracaju romântica que vi e vivi dos anos 1940 e 1950*, Aracaju: UNIT, 2000. Obra memorialística que retrata aspectos, lugares, pessoas, costumes, a vida cotidiana de Aracaju.

## HISTORIOGRAFIA DA ESCRAVIDÃO E PÓS-ABOLIÇÃO

Por um longo período as produções historiográficas realizadas muitas vezes por memorialistas ou cronistas, por exemplo, apenas abordavam o negro enquanto mão de obra escrava, como objeto passivo, sexual, prezando principalmente por descrições físicas destes, alguns desses trabalhos, embebidos de racismo científico, procuraram justificar a inferioridade racial do negro através da ciência.

Em *Casa Grande & Senzala* obra do escritor pernambucano Gilberto Freyre, levando em conta o contexto em que escreveu, Freyre apresentou avanços importantes em relação aos postulados do dito racismo científico, porém ao realizar suas interpretações sobre as relações raciais, defendeu que o Brasil foi o “ambiente ideal para a mistura racial” e da “tolerância entre raças”, bem como foi responsável por repercutir a ideia de que no Brasil a escravidão se apresentou de forma “branda”.

Em sua abordagem “antropológica e cultural”, Freyre fez descrições físicas e analisou comportamentos, além disso, em alguns momentos levou em consideração o clima como fator determinante, uma das bases do seu modelo explicativo. Ele não chegou a negar a existência de famílias escravas, contudo, segundo ele, os *escravos* estariam submetidos às determinações e projetos orquestrados pelo patriarca, figura central.

Como parte do interesse econômico do senhor branco, os *escravos* seriam estimulados à “depravação” para que as “escravas” reproduzissem mais mão de obra. Ele avança ao desassociar a questão do “desregramento sexual” da figura do negro/africano e procura explicar tal questão a partir das condições climáticas e das condições estruturais da vida econômica e social do Brasil, atribuindo os “males” ao sistema escravagista. Para ele o negro foi “patogênico” mas em decorrência de um sistema criado pelos brancos.<sup>8</sup>

Até então não haviam estudos sobre o negro no pós 1888. No contexto dos anos 1940 e 1950, período marcado pelas tensões raciais como o *Apartheid* na África do Sul e as *Jim Crow Laws* nos Estados Unidos, a UNESCO financiou sociólogos como Florestan Fernandes para estudarem as relações raciais no Brasil. A partir da década de 1950 com a chamada Escola Paulista de Sociologia, dentre outros, o sociólogo Florestan Fernandes que fundou tal escola, liderou estudos empenhando críticas às ideias de Freyre.

Em *A integração do negro na sociedade de classes*, a partir de uma abordagem marxista, Florestan Fernandes denunciou a violência do sistema escravagista, como também apontou o privilégio da mão de obra livre e imigrante em São Paulo, em detrimento da mão de obra negra:

Enquanto o branco da camada dominante conseguia proteger e até melhorar sua posição na estrutura de poder econômico, social e político da cidade e enquanto o imigrante

---

8 Gilberto Freyre, *Casa-grande & senzala: a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. - 48ª ed. rev. - São Paulo: Global, 2003.

trocava sucessivamente de ocupações, de áreas de especialização econômica e de posições estratégicas para a conquista de riquezas, de prestígio social e de poder, o negro e o mulato tinham de disputar eternamente as oportunidades residuais com os componentes marginais de sistema - com os que “não serviam para outra coisa” ou com os que “estavam começando bem por baixo”.<sup>9</sup>

Apesar de ter refutado ideias freyrianas como a ideia de sistema escravista “brando”, denunciando as desigualdades, as violências, Fernandes afirmou que o negro vivia em estado de “irracionalidade”, herança negativa da experiência da escravidão que o deixou incapaz. Descrevendo um quadro “patológico” do negro, Fernandes utilizou o conceito de Durkheim para explicar esse estado “anômico” ou “alienado” que se encontrava o negro brasileiro.

Segundo Fernandes, a escravidão teria sido responsável pela destruição da família, fato que explicaria a inexistência de laços familiares duradouros e por sua vez a falta de compromissos, de moral e entre outras coisas a suposta incapacidade do negro de competir com o branco, em especial com o imigrante. Para esse autor o medo da “rebelião negra” teria impedido sociabilidades, formação de laços de solidariedade entre os escravizados e libertos. “O efeito de tudo isso foi que o negro e o mulato emergiram do mundo servil sem formas sociais para ordenar socialmente a sua vida e para se integrar, normalmente, na ordem social vigente”.<sup>10</sup>

Em Sergipe encontramos obras que tiveram influência Freyriana nas suas abordagens, autores como Orlando Dantas e Felte Bezerra. Estes autores divergem nas suas constatações, por exemplo, Dantas afirma que “sendo o negro uma coisa e não uma pessoa humana, os sentimentos humanos do senhorio eram encobertos pela distância das casas, suficiente para conter os ímpetos de revolta”.<sup>11</sup>

Enquanto Bezerra, defendendo a ideia de “escravidão branda” assinala que “Aqui não houve, portanto, clima para o desenvolvimento de doutrinas, que em outras terras estigmatizaram o *homo afer*”.<sup>12</sup>

As obras historiográficas clássicas sobre o negro em Sergipe datam dos anos 1970 e 1980, dentre estudos clássicos podemos citar autores como Luiz Mott,<sup>13</sup> e Maria Nely Santos.<sup>14</sup> Mott se destaca por sua abordagem demográfica da população sergipana e ao contrário daqueles escritores que tornavam o “negro” como sinônimo de “escravo”, Mott trabalha com as representações dos *escravos* em documentos oficiais e jornais de época e identifica ao menos 20 tentativas de revoltas em Sergipe entre 1774-1873.

---

9 Florestan Fernandes, *A integração do negro na sociedade de classes: (o legado da “raça branca”)*, volume 1. Prefácio Antônio Sérgio Alfredo Guimarães - 3. ed. - São Paulo: Globo, 2008. p. 42

10 Ibid., p. 74.

11 Orlando Vieira Dantas, *Vida patriarcal de Sergipe*. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p.37.

12 Felte Bezerra, *Etnias Sergipanas: contribuições ao seu estudo*. Aracaju: J. Andrade, (coleção de estudos sergipanos), 1984. p. 111.

13 Luiz Mott, *Sergipe del Rey: população, economia e sociedade*. Aracaju: FUNDESC, 1986.

14 Maria Nely Santos, *A sociedade libertadora “Cabana do Pai Thomaz”, Francisco José Alves, uma história de vida e outras histórias*. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 1997.

Em *A sociedade libertadora “Cabana do Pai Thomaz”*, Francisco José Alves, uma história de vida e outras histórias, Maria Nely Santos identifica a mobilidade, as estratégias (embora as veja com certo pessimismo) e focaliza o movimento abolicionista orquestrado por Francisco José Alves, utilizando para isso os jornais como fonte.

As abordagens utilizadas por esses autores tiveram em sua maioria a influência da Escola Paulista de Sociologia. Embora tenham avançado em comparação com as produções anteriores e se tornado referências, muitas das obras realizadas nos anos 1970-1980 já são consideradas desatualizadas diante de estudos recentes.

Merece destaque a tese de doutorado de Sharyse Piroupo do Amaral,<sup>15</sup> bem como dissertações de mestrado de Joceneide Cunha, Igor Fonseca, Camila Avelino e Edvaldo Souza Neto.<sup>16</sup> São trabalhos que focalizam a “agência” dos escravizados, suas estratégias no período da escravidão e pós-abolição. Pesquisadores que beberam das novas formas de fazer história, utilizando fontes antes negligenciadas por outros pesquisadores, passaram a privilegiar não só as experiências, mas as memórias, as sociabilidades, a vida cotidiana dos negros na escravidão e pós-abolição.

É notável a produção cada vez maior de obras historiográficas que abordam sobre a experiência negra, na escravidão e no pós-emancipação. Isso se deveu principalmente à influência das novas abordagens da História Cultural. Obras como as de E. P. Thompson e o conceito de “experiência” foram bases necessárias do ponto de vista teórico-metodológico para a mudança de paradigma e a inserção de temas relacionados aos negros, negras e suas experiências, tanto na escravidão como no pós-emancipação.<sup>17</sup>

No Brasil essa renovação teórica ocorreu sob a influência dos movimentos pelos direitos civis dos Estados Unidos nos anos 1960 e 1970, sobretudo nos anos 1980, como também esteve inserida no contexto brasileiro de reabertura política, retorno à democracia e manifestações pelo centenário da abolição da escravidão. Essa renovação levou produções sociológicas e historiográficas à revisão, para isso a agência dos escravizados, suas resistências, suas estratégias e participações na desestruturação da escravidão passaram a ser reconhecidas.<sup>18</sup>

Contrapondo a visão de Fernandes no que diz respeito às uniões e solidariedades entre

---

15 Utilizando a noção de “Campo Negro” do autor Flávio Gomes para apresentar o “Campo Negro da Cotinguiba”, a autora relaciona ao conceito de “economia parasitária” de Stuart Schwartz para caracterizar os quilombos em Sergipe. ver Sharyse Piroupo do Amaral. *Escravidão, Liberdade e Resistência em Sergipe: Cotinguiba, 1860-1888*, Tese (Doutorado em História), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

16 Joceneide Cunha dos Santos. *Entre farinhadas, procissões e famílias: a vida de homens e mulheres escravos em Lagarto, província de Sergipe (1850-1888)*, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Bahia, 2004. Igor Fonseca de Oliveira. *Os negros dos Matos: Trajetórias de quilombolas em Sergipe Del Rey (1871-1888)*, Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) Universidade do Estado da Bahia, 2010. Camila Barreto Santos Avelino. *Novos cidadãos: trajetórias, sociabilidade e trabalho em Sergipe após a abolição (Cotinguiba 1888-1910)*, Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) Universidade do Estado da Bahia, 2010. Edvaldo Alves de Souza Neto. *Ô levanta nego, cativo se acabou: experiências de libertos em Sergipe durante o pós-abolição (1888-1900)*, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Sergipe, 2016.

17 Sílvia Hunold Lara. “Blowin in the Wind: E. P. Thompson e a experiência negra no Brasil”. in: *Projeto História*, São Paulo, n. 12, 1995, p. 43-75.

18 George Reid Andrews, *Negros e brancos em São Paulo, (1888-1988)*; tradução : Magda Lopes; revisão técnica e apresentação Maria Lígia Coelho Prado. – Bauru, SP: EDUSC, 1998.

*escravos*, Robert Slenes apresenta na sua obra *Na Senzala, uma flor* a importância e a possibilidade de formação de famílias escravas. A família surge na sua escrita como um projeto de vida, como estratégia para melhoria de vida. Conforme Slenes, o casamento permitia que o escravizado tivesse um controle maior, seja da sua morada ou da sua roça, ou seja, controle na qualidade do seu próprio alimento. A obra de Slenes também se destacou pelo esforço em identificar a influência, a cultura da África central, presente em famílias negras caracterizadas pela “linhagem” na região sudeste do Brasil, formadas ainda sob o regime da escravidão.<sup>19</sup>

apesar da separação radical de suas sociedades de origem, teriam lutado com uma determinação ferrenha para organizar a vida deles, na medida do possível, de acordo com a gramática (profunda) da família-linhagem. Encontrando, ou forjando, condições *mínimas* para manter grupos estáveis no tempo, sua tendência teria sido de empenhar-se na formação de novas famílias conjugais, famílias extensas e grupos de parentesco para o Brasil teriam procurado agir na sua nova terra da mesma maneira que os integrantes de grupos bantu, (...).<sup>20</sup>

Também no sudeste cafeeiro, Hebe Mattos e Ana Lugão identificaram o papel central e estratégico da família como forma de negociação com o poder senhorial, encontrando meios para melhores condições, como também o papel da memória familiar do “tempo do cativo” e a formação de novas identidades no pós-abolição.<sup>21</sup>

No recôncavo Walter Fraga identificou famílias extensas, formadas inclusive entre mulheres libertas e homens escravizados convivendo nos engenhos, uma, duas ou mais gerações interligadas através das relações de casamento e compadrio. Segundo o autor, os libertos e suas redes familiares não sucumbiram com o fim da escravidão, pelo contrário, se estenderam, engendrando novas identidades, como “roceiros”, “lavradores”, procuraram se distanciar da condição passada da escravidão.<sup>22</sup>

Como afirmou Petrônio Domingues, “não se trata mais de acusar de “anômico” tudo o que não se ajusta satisfatoriamente aos valores característicos da visão de mundo das elites, e sim de tentar aferir o sentido e a racionalidade inerentes ao comportamento das populações afro-descendentes”.<sup>23</sup> Ou seja, a exclusão da população negra no pós-abolição não se deveu à ausência de família, foi na verdade “produto da própria “sociedade de classes”, que fabricou novos mecanismos de exclusão”.<sup>24</sup>

Os estudos recentes apontam que o fim da escravidão no Brasil e a reorganização social do negro nesse território após 1888 não se deu de forma homogênea, tal processo seguiu especificidades em cada região. Estudos que apontam as variações como fez Karl Monsma ao identificar conflitos, a

19 Robert Wayne Slenes, *Na senzala, uma flor - Esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX*. - 2ª ed. corrig. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

20 Robert Wayne Slenes, *Na senzala, uma flor*. p. 155.

21 Ana Maria Lugão Rios e Hebe Maria Mattos. *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

22 Walter Fraga Filho, *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. - Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2006.

23 Petrônio Domingues, *Protagonismo negro em São Paulo: história e historiografia*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019. p. 127.

24 *Ibid.*, p. 25.

violência inter-racial entre negros e imigrantes no Oeste Paulista.<sup>25</sup> Libertos e descendentes procuraram defender seus direitos civis básicos, principal aspecto das disputas, assim como sua mobilidade, a família e a “reputação”.<sup>26</sup>

O presente artigo apresenta resultados preliminares e se configura como um trabalho de História de Vida onde procuramos apresentar os sentidos e as experiências negras inseridas em conjunturas macro-históricas, tendo pesquisas historiográficas mais recentes como referências.

Costureira conhecida no Bairro Cirurgia, Rosalina Santos trabalhava com uma clientela específica: a “alta” sociedade aracajuana. Os Firpo, os Rollemberg, os Leite, os Franco, a família Campos. Se tornou costureira profissional a partir dos anos 1940 e nos anos 1950 já trabalhava para essas famílias brancas, quando se formou em Corte e Costura pela Singer, num período em que, num contexto macro, o Brasil buscava defender a existência de sua “democracia racial”. Então, a partir das suas memórias e experiências, buscamos compreender como eram as relações étnico-raciais neste período em Aracaju, identificando episódios de racismo presentes no seu cotidiano.

Como recurso metodológico, a História oral nos permitiu justamente acessar experiências e os modos de vida, pois “entender como pessoas ou grupos experimentaram o passado torna possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas”.<sup>27</sup>

Segundo Thompson, o conceito de experiência pode ser compreendido através do modo “como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura”. Ou seja, o conceito de experiência nos permite compreender como foi a vivência, o trabalho, os costumes, as relações diante de um determinado contexto.

parentesco, costumes, as regras visíveis e invisíveis da regulação social, hegemonia e deferência, formas simbólicas de dominação e de resistência, fé religiosa e impulsos milenaristas, maneiras, leis, instituições e ideologias - tudo o que, em sua totalidade, compreende a “genética” de todo o processo histórico, sistemas que se reúnem todos, num certo ponto, na experiência humana comum, que exerce ela própria (como experiências de classe peculiares) sua pressão sobre o conjunto.<sup>28</sup>

Aqui costuro, não como se coze uma costureira da estirpe de Rosalina, mas como artista e historiador, bordo o nosso fio da memória, multiplicando os fios, cruzando-os com outras fontes, tecendo os fios de um tapete, como metaforiza Ginzburg ao explicar o método indiciário que

---

25 Karl Monsma. “Conflito simbólico e violência interétnica: europeus e negros no oeste paulista, 1888-1914”, *História em Revista*, Pelotas/RS, v. 10, 2004, p. 95-115.

26 Hebe Maria Mattos; Ana Maria Lugão Rios, *O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas*, in: Topoi (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 5, p. 170-198, 2004.

27 Verena Alberti. “Histórias dentro da História”, in: *Fontes Oraís*. Carla Bassanezi Pinsky (org.). São Paulo: Contexto, 2005, p. 165.

28 THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1981. p.180-200.

aqui lançamos mão.<sup>29</sup> Buscamos nas miudezas os vestígios, observando os detalhes presentes nas entrevistas orais, as palavras sutis nos discursos, nos registros paroquiais de batismos, matrimoniais e acervos fotográficos.

Atento às ilusões, buscarei as múltiplas facetas, as sinuosidades, as contradições existentes. Por considerar de extrema importância a análise da nossa família para compreender quem é a nossa sujeita, farei uma breve apresentação do nosso núcleo familiar. Apresentaremos a seguir a superfície social, ou seja, o conjunto das relações que unem Rosalina Santos ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo, pois “não podemos compreender uma trajetória,(...), sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou”.<sup>30</sup>

## FAMÍLIAS NEGRAS EM SERGIPE

Filha de Anthero José dos Santos e Agripina Maria da Conceição, Rosalina Santos era natural de Divina Pastora, município situado há aproximadamente 40 km da capital sergipana. Seus pais nasceram em 1882<sup>31</sup>, foram “pretos ingênuos”, chamados assim os filhos de mulheres escravizadas no pós Lei do Ventre Livre(1871).

Antero trabalhou como lavrador e foi carreiro no Engenho Limeira, local onde seus pais Simiana e Tibúrcio, os avós paternos de Rosalina, haviam sido *escravos* do Coronel João Maria de Araújo Nabuco. Agripina era natural de Santa Rosa, um povoado que nesse tempo pertencia a Divina Pastora, separado apenas pelo rio Cotinguiba. Ela era filha de Henriqueta, conhecida como “Quêta” e Manoel, conhecido como “Mané Rodrigo”. Os avós maternos de Rosalina Santos foram escravizados no engenho Mouco e Sapé. Sua avó “Quêta” foi escrava de Mariana Francisca Menezes Barreto do engenho Sapé e casou no oratório desse engenho em 1873 com “Mané Rodrigo”, na época um liberto, *ex-escravo* de Francisco Vieira Barreto do Engenho Mouco.

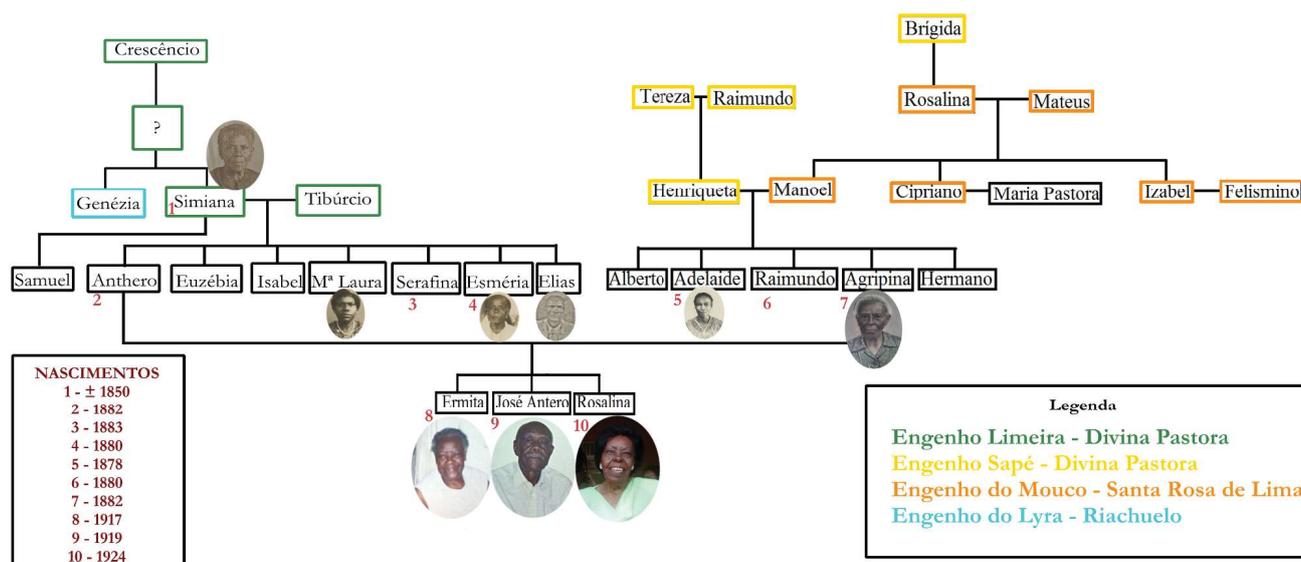
---

29 Carlo Ginzburg. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. in: “*Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*”; tradução : Federico Carotti. - São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

30 Pierre Bourdieu, “A ilusão biográfica”. in: Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. *Usos e abusos da história oral* / - 5 ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 190.

31 Livro de Batismos da Igreja Matriz de Divina Pastora 1876-1892. folha 45 (Anthero) e folha 52 (Agripina).

**Figura 1.** Gráfico genealógico - Síntese da nossa árvore ancestral conforme depoimento de Rosalina dos Santos, com dados obtidos nos registros de batismos.



Fonte: Acervo pessoal.

Em 1915, aos 32 anos de idade Agripina e Anthero casaram na Igreja Matriz de Divina Pastora e ao longo dos anos eles tiveram sete filhos dos quais apenas três cresceram. Em 1917 nasceu a primeira filha chamada Ermita, nome de uma amiga de Agripina. Em março de 1919 nasceu José Antero, nome que homenageia São José e o seu pai Anthero. Em 1924 nasceu Rosalina, nome da avó de Agripina, ex-escravizada no Engenho Mouco.(ver gráfico genealógico).

Com o fim da escravidão, Tibúrcio, Simiana e seus filhos se estabeleceram como lavradores ou “roceiros” e mantiveram relações de trabalho, relações de compadrio com os herdeiros do Engenho Limeira. Anthero chegou a trabalhar como carreiro, transportando cana, e enquanto “roceiro” produzia gêneros como macaxeira, milho, feijão – *projeto camponês*. A família de Agripina se estabeleceu numa região chamada “as baixinha”, em Santa Rosa, uma espécie de reduto negro formado com o fim da escravidão, alguns trabalhavam nas usinas da região, outras eram costureiras e donas de casa.

Com base nas narrativas de Rosalina Santos, nos indícios presentes nos documentos, podemos entender a história da nossa família como uma história dinâmica, permeada por tomadas de decisões, caracterizada pela “permanência ou abandono das antigas fazendas e a possibilidade da mobilidade espacial como recurso de sobrevivência”.<sup>32</sup>

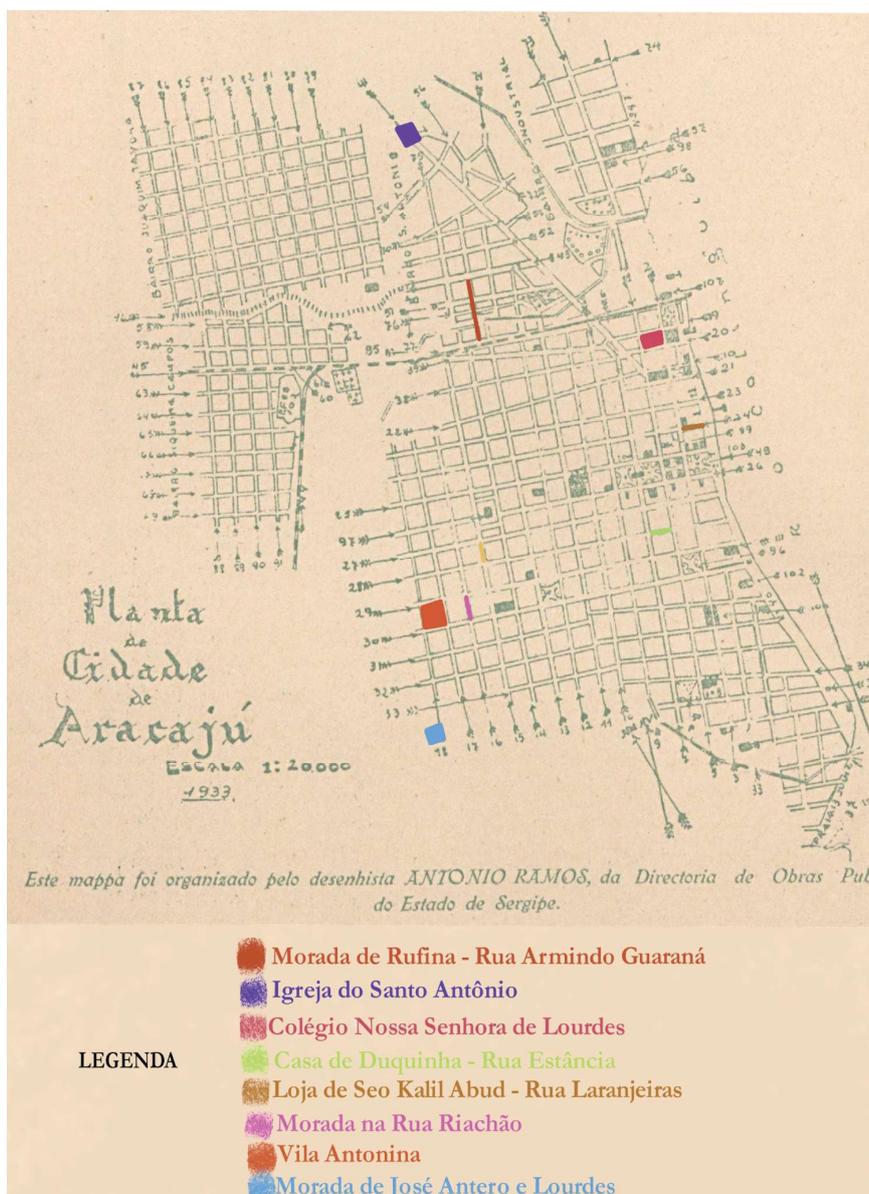
Anthero, Agripina e seus filhos moravam na entrada de Divina Pastora, num sítio cuja casa era caiada de cau, coberta com telha e uma casa de fazer farinha anexada. Embora comemorasse seu aniversário no dia 29 de setembro, segundo o registro de batismo Rosalina teria nascido no dia 09 de

32 Ana Maria Lugão Rios e Hebe Maria Mattos. *Memórias do cativo*, p. 113.

Setembro de 1924, sendo batizada aos 05 meses de idade em fevereiro de 1925.<sup>33</sup> Afilhada de Rufina Marcelina de Souza, uma grande amiga da sua mãe Natural de Maruim. Filha de Vital e Antonia, Rufina morou por algum tempo em Santa Rosa, local onde conheceu Agripina.

Como sua madrinha morava só na capital, Rosalina teve sua infância marcada pelas “temporadas” em Aracaju, sendo companhia para sua madrinha Rufina que residia no Bairro Santo Antônio, na Rua Armindo Guaraná, entre as avenidas Simeão Sobral e Coelho e Campos.

**Figura 2.** Mapa - Planta de Aracaju de 1933,<sup>34</sup> editado com indicações coloridas de alguns locais por onde Rosalina circulou.



33 Livro de Batismos da Igreja Matriz de Divina Pastora 1923-1928. n° 36, folha 43.

34 Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe (SE) - 1933, *Hemeroteca Digital Brasileira*, <http://memoria.bn.br>, acesso em 20/02/2022.

Como dito anteriormente, Rufina era costureira e teve papel fundamental na formação de Rosalina, pois além de ensinar as primeiras noções em costura, Rufina investiu na educação da sua afilhada. Nos anos 1930 o Bairro Santo Antônio era considerado “bairro nobre” de Aracaju, com seus casarões, bem estruturada comparada à outras localidades da cidade, já possuía abastecimento com água encanada, uma linha de bonde, energia elétrica e coleta regular de lixo.

Todo o bairro de S. Antonio parecia levantado, a correr para o trabalho. Os outros arredores também davam grandes levas. Do Anipum, do Aribé, do Saco, de mais longe, vinham operários. A parte sul da cidade, para os lados do Carro Quebrado e Fundação, fornecia numerosos contingentes. (...)Eram mulheres, na sua maioria. Velhas, moças, crianças. Donzelas, casadas, prostitutas. Caminhavam de mistura, em algazarra, batendo os tamancos com força na areia acamada dos caminhos, nas pedras irregulares das ruas.<sup>35</sup>

Com aproximadamente cinco anos, sua madrinha teve a ideia de levá-la para a escolinha que ficava bem em frente à sua casa na Rua Armindo Guaraná. A professora chamava-se “Iáíá” e segundo Rosalina Santos, tal escola fazia parte da Liga Sergipense Contra o Analfabetismo (LSCA), era “das primeiras letras”. Fundado em 1916 pela elite intelectual sergipana, expressão dos ideais republicanos de promover o progresso através da educação, tal movimento além de defender o fim do analfabetismo através da criação de uma rede de escolas, tinha como objetivo civilizar e desenvolver o “sentimento patriótico” na população.<sup>36</sup>

Conforme Clotildes Faria de Sousa, a criação da LSCA não foi apenas uma reação aos índices insatisfatórios do atendimento escolar e nem se resumiu a ser instrumento de formação de bases eleitorais, segundo a autora a Liga Sergipense:

“Foi uma congênere da Liga Brasileira contra o Analfabetismo (LBCA) que representou o movimento de combate à ignorância e elevação dos princípios democráticos, pois o analfabetismo não foi o único foco, mas a alfabetização, seus agentes e modos de atuação, com as diferentes motivações, irregularidades e dispersões de sentidos existentes em torno desse processo.”<sup>37</sup>

---

35      Obra de Amando Fontes, o romance “Os Corumbas” nome da família que protagoniza o romance, são retirantes do interior que ao fugirem da seca de 1905 vão em busca de melhores condições para Aracaju. Amando apresenta o cotidiano de Aracaju no início do século XX, com destaque os operários e as fábricas de tecidos. ver Amando Fontes, *Os Corumbas*. - 22. ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 1999. Ver também Lenalda Andrade Santos, “Organização do trabalho”. in: Diana Maria de Faro Leal Diniz, coordenadora; Dantas, Beatriz Góis...[et al.]. *Textos para História de Sergipe*. 2. ed. - São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2013. (253-307).

36      SOUSA, Clotildes Farias de. *A Liga Sergipense Contra o Analfabetismo*. – Aracaju: Edise, 2016.

37      Ibid. (p. 24).

**Figura 03.** Rufina e Rosalina, aproximadamente em 1929.



Fonte: Acervo de Rosalina Santos.

Recebendo estímulos de sua madrinha, Rosalina aprendeu o ofício da costura ainda na infância. Sua madrinha lhe ensinava as primeiras técnicas de costura e tornou-se sua referência, foi quem lhe colocou agulha na mão. Quando Rufina ia ao mercado, Rosalina aproveitava para mexer na máquina de costura dela:

quando ela ia no mercado, quando ela ia fazer compras, aí que era bom que eu ficava sozinha e tinha minhas coisa..., mas essa altura não tinha seis anos mais não, tava com uns oito ou dez anos, aí pegava a máquina e começava a costurar, a bordar, me lembro como se fosse ontem, era uma toalha bonita que ela estava fazendo pra Igreja do Santo Antônio, pra o altar, era toda aberta de richiliê, aí eu ia tuntuntuntun [imitando som da máquina]. *Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, nov. de 2015.*

Como dito anteriormente, sua madrinha investiu na sua educação pagando para Rosalina estudar no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, um colégio católico e de “elite” fundado em 1924 pelas

irmãs Sacramentinas, voltado para a educação exclusivamente feminina.<sup>38</sup> Em formato de internato e externato, o colégio cumpria o horário de 07:30h às 12 horas, Rosalina estudava de segunda a sábado e no domingo ia ao catecismo na Igreja da Colina do Santo Antônio.

Pois a redação a gente fazia quase todo sábado, a professora dava diversos temas e se fazia redação, dissertação e composição, tudo isso. (...). Pois assim, eu nunca tive dificuldade de aprender nada, toda vida fiz minha roupa, aos dez anos eu fui pra o catecismo todo domingo e todo domingo a gente recebia um cartãozinho, quem mais frequentasse durante o ano ganhava um presente, nesse ano eu acho que eu não perdi um domingo, eu ganhei uma bola, uma boneca e um corte de fazenda, ainda me lembro. *Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos*, Aracaju, nov. de 2015.

Como dito anteriormente sua bisavó materna chamava-se Rosalina (ver gráfico genealógico), havia sido escravizada no Engenho Mouco do Comendador Francisco Corrêa Dantas. De acordo com Rosalina, sua bisavó teria sido “mucama” nesse engenho, sabia bordar e sabia escrever o próprio nome. “Quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade”.<sup>39</sup>

É possível que os relatos sobre sua bisavó, tenham influenciado Rosalina Santos tanto quanto sua madrinha Rufina. Assim, com a transmissão de relatos vividos pelo seus pais, tais memórias provavelmente serviram para formar sua identidade, principalmente quando observamos os valores relacionados ao trabalho, a questão da dignidade, a honra, a responsabilidade, aspectos identificados em algumas entrevistas, mas esse tema será melhor analisado em um trabalho futuro.

## COSTURANDO NA ARACAJU DOS ANOS 1940 E 1950

“O branco inventou que o negro  
Quando não suja na entrada, vai sujar na saída,  
imagina só, que mentira danada é (...).  
Mesmo depois de abolida a escravidão  
Negra é a mão de quem faz a limpeza  
Lavando a roupa encardida, esfregando o chão  
Negra é a mão, é a mão da pureza  
Negra é a vida consumida ao pé do fogão  
Negra é a mão nos preparando a mesa

38 Sobre o Colégio Nossa Senhora de Lourdes ver Miguel André Berger, “Igreja x Educação: o papel do Colégio Nossa Senhora de Lourdes na formação da elite feminina”. *Cadernos de História da Educação* - nº. 3 - jan./dez. 2004. p.147 - 153.

39 Michael Pollak, “Memória e identidade social”, *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Vol. 5 , n. 10, p. 200-215, 1992.

Com as instruções de sua madrinha Rufina, Rosalina Santos seguiu na profissão de costureira começando profissionalmente por volta de 1942, aos 18 anos. O primeiro emprego foi na casa de Duquinha, como era conhecida a costureira Antônia Rodrigues Souza<sup>40</sup>, localizada na Rua Estância, entre as ruas Itabaiana e Santa Luzia:

comecei a costurar na casa de Duquinha em 1942,1943, por aí assim... Onde eu comecei, eu passei quatro anos costurando com Duquinha. Eram doze, costurando pra viver! Eram doze costureiras, sem falar nas auxiliares, doze! A casa cheia. Era, mas Rosalina não vê não? Eu não vim ver, eu vim cozer minha fia, ói minha mãe tá lá me esperando pra comer, esse dinheiro é pra dar comida a ela, era mesmo! *Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos*, Aracaju, 03 out. 2018.

Na casa de Duquinha eram 12 moças costureiras que trabalhavam produzindo vestidos. Segundo Rosalina:

Ela tinha uma freguesia muito grande porque [antes] tinha uma costureira [chamada] D. Zulmira, que dizem que era a melhor da cidade,(...), mas ela mudou-se para o Rio e as freguesas de Zulmira ficaram pra Duquinha aí que ela ficou de casa cheia, porque na época que eu costurei na casa dela, ela era a única. *Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos*, Aracaju, 18 jun, 2019.

Embora destaquem a comoção coletiva que ocorreu após os torpedeamentos na costa sergipana e os desdobramentos da Segunda Guerra (1939-1945), destoando da narrativa historiográfica sobre o impacto da Segunda Guerra e os efeitos em Sergipe, Rosalina afirmou que “não tinha tempo para se preocupar, precisava trabalhar” e que “não tinha tempo para ler jornal”.<sup>41</sup> Isso nos leva a pensar que nem todos estavam acompanhando com afincos as notícias sobre a guerra, precisavam focar nas suas batalhas diárias.

Em 1944 veio a notícia: José Anthero noivou! Seu irmão havia pedido a mão de Lourdes, vizinha deles no tempo em que moravam em Divina Pastora. Todos ficaram felizes com a notícia,

---

40 Ester Fraga V.B C. do Nascimento, “Professoras Sergipanas e o modelo presbiteriano de educação feminina no Brasil tropical”, *Educação & Linguagem*, ano 11, nº 18, 2008, pp. 67-83.

41 “Ontem, a cidade logo cedo, foi surpreendida com a triste notícia de que tinha torpedeado o vapor brasileiro Baependi, em águas sergipanas, próximo à costa de Estância.(...) A cidade inteira ante estas notícias alarmantes que pouco a pouco como labaredas se espalharam por todos os recantos, ficou profundamente consternada. O comércio não abriu mais suas portas no segundo expediente”. (*Folha da Manhã*, 18/08/1942, Fonte: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/>, acesso em: 10/02/2022). Sobre os efeitos da Segunda Guerra em Aracaju ver Dilton Cândido Santos Maynard, “O Brasil sob ataque: Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial”, in: Andreza Santos Cruz Maynard; Dilton Cândido Santos Maynard (orgs), *Dias de luta: Sergipe durante a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011. (p.1-31).

Lourdes não era apenas uma ex-vizinha, era uma amiga de infância que havia se tornado “prima de fogueira” de Rosalina. Naquele tempo era muito comum esse costume nas festas juninas: “São João dormiu, São João acordou, Lourdes é minha prima que São João mandou”.

**Figura 4.** Maria de Lourdes Santos, s.d.



Fonte: Acervo de Rosalina Santos.

A felicidade deu espaço para o medo e a incerteza quando José Antero foi convocado para o fronte de batalha na Segunda Guerra. Ele embarcou para o Rio de Janeiro em 1944. Prestes a seguir para a Itália, José Antero e seus companheiros foram informados que a guerra havia acabado. Ele então retornou para Aracaju e casou-se com Lourdes em 28 de Julho de 1945.

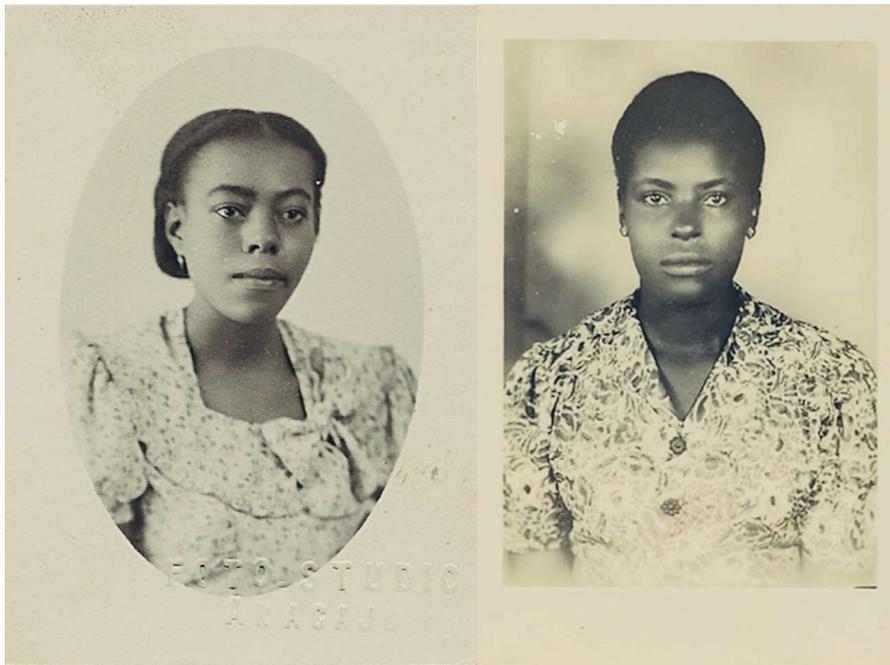
**Figura 5.** José Antero dos Santos. “lembança de um passeio do Rio de Janeiro”, 1944. Fonte: Acervo de Rosalina Santos.



O primeiro vestido que fiz de noiva que eu fiz foi o dela, a minha primeira freguesa fora da casa de Duquinha, na casa de Duquinha não tinha freguesia, era ajudante de Duquinha, a minha primeira freguesa foi minha prima. *Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 18 jun, 2019.*

José Antero casado com Lourdes saiu do “chalé” na entrada da Vila Antonina<sup>42</sup>(ver Mapa 1) e seguiu para os areais do incipiente Bairro Suíssa em 1946, onde Rosalina e Ermita vão morar até 1948. Com a morte de Anthero (o pai) em 1948 trouxeram sua mãe Agripina para Aracaju. Rosalina, Ermita e Agripina passaram a morar na Rua Riachão. (ver mapa 1).

**Figura 6.** Rosalina Santos em 1948 e Ermita Maria da Conceição, s.d.



Fonte: Acervo de Rosalina Santos.

Católica, pouco tempo depois de vir morar em Aracaju, Agripina filiou-se à Irmandade de São Benedito,<sup>43</sup> santo negro padroeiro da sua cidade natal. Rosalina então sai da casa de Duquinha e passa a trabalhar à domicílio, das oito da manhã às cinco da tarde, com a demanda de produzir um vestido por dia pelo preço de Cr\$8 (oito cruzeiros). O endereço de Rosalina na capital aracajuana foi na periferia, junto com sua mãe e irmã na Rua Riachão, entre a Rua Boquim (atual Permínio de Souza) e Av. Desembargador Maynard.

42 Ver José Edwyn Silva Gomes. *Antonina Gomes : trajetória, sociabilidades e afroempreendedorismo na periferia de Aracaju no século XX*. Monografia (graduação em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2021.

43 BRASIL, Arquivo da Irmandade de São Benedito, Agripina Maria da Conceição, Caixa Fichas de Inscrição, nº 38. Aracaju, 09 out.1949.

nem água, nem luz, costurava a noite inteira no escuro, na luz de candieiro, candieiro não de lata. É um recipientzinho, bota o querosene dentro. *Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 2015.*

Grada Kilomba assinala que “É o entendimento e o estudo da própria marginalidade que criam a possibilidade de devir como um novo sujeito”. (2019, p. 69). Segundo Kilomba, estar à margem não se trata apenas de estar periféricamente situado, trata-se também de local de resistência e possibilidade. Ao se referir à formação dos bairros negros de Aracaju no pós-abolição, formados principalmente com o fenômeno das migrações negras, tais bairros estavam localizados na periferia de Aracaju, numa região de morros de areia.

No centro da capital havia um controle rigoroso através do Código de Postura<sup>44</sup> que determinava como as habitações deveriam ser construídas, além disso, a especulação imobiliária fazia com que houvesse uma grande valorização dos terrenos do Centro, empurrando assim as populações migradas do interior do Estado para a borda do tabuleiro de Pirro.<sup>45</sup>

Depois que veio a liberdade quando o povo começou a cansar de trabalhar de graça que vinha pra aqui, as autoridade daqui de Aracaju não permitia que eles se aproximasse, tinha que recuar, na Rua Nossa Senhora das Dores, agora não, tem menos gente [negra], mas quando a gente se mudou, era tanto nêgo, depois misturou, muito tempo foi passando, as coisas foram mudando, porque eles não tinha muito direito de avançar muito para o centro da cidade porque eles [as autoridades] não consentiam. **As empregada doméstica começaram do mesmo jeito quase, como se fosse escrava, era duma ninharia, era sujeita a tudo, a trabalhar domingo e dia santo.** *Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 27 jul. 2018, grifo nosso.*

É o que Lélia Gonzalez chama de “divisão racial do espaço”. Ao evidenciar o “lugar natural” do negro, Gonzalez assinala que não houve mudanças significativas das senzalas às favelas. Conforme a autora, “No caso do grupo dominado o que se constata são famílias inteiras amontoadas em cubículos cujas condições de higiene e saúde são as mais precárias”.<sup>46</sup>

Sobre a situação da mulher negra no pós abolição, Lélia Gonzalez assinala que:

não é muito diferente de seu passado de escravidão. Enquanto negra e mulher, é objeto de dois tipos de desigualdades que fazem dela o setor mais inferiorizado da sociedade brasileira. Enquanto trabalhadora, continua a desempenhar as funções modernizadas da escrava do eito, da mesma mucama, da escrava de ganho.<sup>47</sup>

44 Sobre os Códigos de Posturas em Aracaju ver Hamilton Gomes Coelho. *As posturas e o saneamento básico em Aracaju entre 1855 a 1920*. (Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade São Judas Tadeu - São Paulo, 2012.

45 José Basílio Pirro foi o engenheiro que projetou a capital aracajuana em formato de um “tabuleiro de xadrez”, com quadras 100mx100m.

46 Lélia Gonzalez, “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”, *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

47 *Ibid.*, *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano*, p. 181.

No trecho da entrevista que está em negrito, podemos observar no relato de Rosalina que o trabalho doméstico ainda estava fortemente relacionado ao trabalho *escravo*. “Era sujeita a tudo, a trabalhar domingo e dia santo”, condições as quais Rosalina procurou se distanciar enquanto costureira doméstica.

Nesse período havia a tentativa de alguns “patrões” em manter suas empregadas domésticas recém chegadas do interior (a grande maioria mulheres negras) na ingenuidade ou desinformadas. Como no caso da sua cunhada Dona Lourdes que tendo ido trabalhar como empregada doméstica, sua patroa não deixava que ela saísse sozinha ou conversasse com outras empregadas. Só poderia sair da casa na companhia da cozinheira e todas as vezes que tentava iniciar algum diálogo sua patroa logo a interrompia:

D. Lourdes - o quarto da empregada era fora, ela [a patroa Miriam] num consentia que eu dormisse fora, dormia no meio das menina, uma cama de vento, armava e desarmava sabe? Eu levava e trazia de noite e as empregada daqui botava quem vinha do interior a perder, (...) e era assim aperrado [sic] aquele apirreio, aquele apirreio quando conversava com uma pessoa, quando via [a patroa] tava em cima, não tô pra isso eu digo eu vou mimbora. Se eu quisesse uma coisa, só ia com a cozinheira pra comprar coisa pra mim, só eu não ia não, porque num sei o quê (...). Rosalina – Não queria que ela fizesse amizade com as outras, não queria perder a nêga. *Entrevista concedida ao autor por Maria de Lourdes Santos e Rosalina Santos, Aracaju, 27 jul. 2018.*

Como foi dito por Octavia Spencer, ao protagonizar a série “*A vida e a História de Madam C. J Walker*”,<sup>48</sup> “às vezes, o silêncio é a única proteção que uma mulher negra tem”, é verdade que Rosalina tinha muito cuidado no local de trabalho, seguia as orientações de sua mãe para não se envolver em fofocas: “cega, surda e muda”.

Preferia o silêncio, principalmente quando costurava nas casas das famílias brancas e ricas, geralmente famílias influentes, historicamente envolvidas com a política em Aracaju como os Campos, os Firpo, os Franco etc. Além do mais, o contexto era de acirramento entre o Partido Social Democrático (PSD) e a União Democrática Nacional (UDN):

E - Tinha muita briga entre PSD?

D. L - Meu fio, tinha era morte. PSD com UDN pegava fogo em Aracaju. *Entrevista concedida ao autor por Maria de Lourdes dos Santos, Aracaju, 05 jul. 2019.*

Da Rua Riachão Rosalina, Ermita e Agripina mudaram-se para outro trecho nessa mesma rua e em seguida foram para a Rua Estância, onde passaram quatro anos e ela ingressou no curso de Corte e Costura. Formada em Corte e Costura pela *Escola de Corte e Costura Singer* em 1950, as credenciais desse curso permitiam o reconhecimento e o aperfeiçoamento do seu trabalho:

48 Nicole Asher, *Self Made: Inspired by the Life of Madam C. J. Walker*, EUA, Original Netflix, 2020, cor, 189 min.

Eu podia abrir uma escola de corte e costura, de bordado, no Brasil, no lugar que eu quisesse, porque foi assinado pelo Secretário da Educação da cidade na época e era válida no Brasil inteiro. *Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 03 out. 2018.*

Com a venda do sítio que moravam em Divina Pastora eles conseguiram comprar uma casa em Aracaju, situada na Rua Nossa Senhora das Dores, número 124. De “taipa e telhas”, a casa media 4,50m de frente por 31,5m de comprimento.<sup>49</sup> Não era uma casa muito grande e nem estava muito conservada, precisou ser reformada aos poucos pelo seu irmão José Antero e José Gomes (primo de Rosalina, meu avô) fez as portas, janelas e o telhado. As telhas que estavam sujas foram reaproveitadas, foram lavadas coletivamente.

Ela que costurava à domicílio, passou também a costurar em sua casa pelo turno da noite. Posteriormente ela deixou de trabalhar nas casas para costurar apenas na sua casa, foi o passo para se afastar das casas e desassociar seu trabalho com o serviço doméstico, visto que o mesmo era desprestigiado. A essa altura já tinha conquistado suas clientes, Rosalina conseguiu fazer com que elas agora buscassem seus serviços de costura na sua própria residência, à contra gosto delas que reclamavam da localização, da distância e da dificuldade de transitar nas areias do Bairro Cirurgia.

dei um jeitinho que fiz trazendo elas pra cá, **quando eu via tava todo mundo aqui debaixo dos meus pés** – risos – eu nem sei, eu num sei como eu consegui puxar essas mulheres pra aqui que naquele tempo não tinha essa facilidade de carro, era rua cheia de areia, a rua de estância era empicarrada, aqui tinha era areia, aqui não tinha nem piçarra, era areia. *Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 2015, grifo nosso.*

**Figura 07.** Fotografia de busto de Rosalina Santos.  
Formatura do curso de Corte e Costura na Siger em 1950.

Fonte: Acervo de Rosalina Santos.



49 ARACAJU (SE). Registro de Imóveis do Estado de Sergipe. Registrado no Livro de Transcrição nº 4493. Registro em: 14 dez. 1936.

Lélia Gonzalez utiliza a “resistência passiva” como noção interpretativa ao se referir à atuação da figura da “mãe preta” ou da “mucama” no período da escravidão. Ainda segundo Gonzalez a figura da mulata e da doméstica foi construída a partir da figura da mucama. Portanto, é possível falar de uma “resistência passiva” na agência de Rosalina. Esses relatos exprimem relações de poder, o jogo de poderes nas relações raciais, uma relação de luta, principalmente simbólica.<sup>50</sup>

Nesse período não era muito comum falar sobre situações que hoje chamamos de racismo. Em entrevista, Rosalina não chegou a negar a existência do racismo, mas afirmou que “nunca foi maltratada por conta da sua cor”, ela disse: “nunca entrei em lugar nenhum pra ser rejeitada”. (SANTOS, 2015). Contraditoriamente, em entrevista não gravada, Rosalina afirmou que certa vez, ao procurar um tecido na Casa Teixeira, loja de Seo Oviêdo Teixeira inaugurada em 1939, não foi bem tratada por uma vendedora ao perguntar se havia ali tal tecido. Segundo ela, a vendedora teria respondido “tem mas é tanto”, duvidando do poder aquisitivo dela.

Segundo Rosalina, o filho de Seo Oviêdo que a conhecia teria visto a situação desagradável, mas não teve jeito, ela saiu e não quis realizar a compra naquele lugar. Em outra entrevista ela disse:

Tinha um velho gringo Seo Kalil Abud(...), bruto que nunca vi. **Não atendia a gente direito**, ele vendia coisas muito boa, muito cara num sabe? (...) Na Rua de Laranjeiras, no trecho da Rua de João Pessoa e a Rua da Frente, à esquerda de quem desce, a segunda casa Seo Kalil. Um gringo metido, metido a botar banca e **a gente tinha que se sujeitar** porque só ele tinha as coisas boas, bonitas e de fato ele vendia muita coisa boa e bonita,...). *Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 18 jun. 2019, grifo nosso.*

Conforme Beatriz Nascimento, “A todo momento o preconceito racial é demonstrado diante de nós, é sentido. Porém, como se reveste de uma certa tolerância, nem sempre é possível percebermos até onde a intenção de nos humilhar existiu”.<sup>51</sup> Ou seja, por vezes o racismo se apresenta de forma tão sutil que é difícil de perceber até mesmo por quem foi atravessado por ele.

Grada Kilomba chama de racismo cotidiano “vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o sujeito negro e as pessoas de cor não só como “outra/o”,(...), mas também como Outridade, isto é, como a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca”.<sup>52</sup> Ainda conforme Kilomba, o racismo cotidiano está atrelado às experiências de vida, como algo rotineiro, que se repete na trajetória de vida de uma sujeita negra como Rosalina.

Segundo Beatriz Nascimento, “Sentimos, nós, pretos, que a tolerância conosco camufla um profundo preconceito racial que aflora nas mínimas manifestações, inclusive naquelas que aparentam ter um cunho afetivo”.<sup>53</sup> A aparência de Rosalina também fazia parte da sua tática de trabalho, estratégia que chamava atenção de mulheres como Dona Maria Sobral. Segundo Rosalina, essa

---

50 Ver Pierre Bourdieu, *O Poder Simbólico*. tradução de Fernando Tomaz. Editora Bertrand. 1989.

51 Beatriz Nascimento, *Uma história feita por mãos negras*, p. 40.

52 Grada Kilomba, *Memórias da Plantação: Episódios do racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: editora Cobogó, 2019. (p.78)

53 Beatriz Nascimento, *Uma história feita por mãos negras*, p. 40.

mulher a admirava e a chamava de “carioca”, dizia: “As cariocas é que vivem assim, toda chique. Para onde é que vai assim minha filha?, (...), **eu queria que todas nêga fosse igual a tu**”. (SANTOS, 2015).

Segundo Kabengele Munanga, “a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, lingüísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence”.<sup>54</sup> O racismo existente na “Aracaju Romântica” fez com que, Rosalina, em busca da sua sobrevivência e dos seus familiares, buscasse se distanciar de elementos relacionados aos negros, ou seja, desse lugar de outridade, de elementos vistos por sua clientela branca como inferiores.

Pude perceber a partir dos relatos de Rosalina que o termo “nêga” era utilizado em certos momentos para se referir a mulheres negras empregadas domésticas, mulheres que não correspondiam com os padrões estéticos brancos. Logo, nesse último relato ao dizer “queria que todas nêga fosse igual a tu” ela não “passou em branco”, foi lida como “nêga”, ainda que negando, foi posta como outra.

Também a pessoa precisa se manter viu, naquela linha, saber como se apresenta, saber como pisa... Nunca amarrei um pano na cabeça, trepada num tamanco pra ir costurar, **eu ia costurar parecendo que ia pra uma festa**. *Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 28 ago. 2015, grifo nosso.*

Segundo Gonzalez, a “domesticação” é um dos mecanismos para tornar mulheres negras mais “aceitáveis” ou “toleradas” pelas mulheres brancas. Sua aparência era reconhecida por elas e comunicava. Além das suas vestimentas, nas entrevistas o “salto” é evocado como símbolo de sua elegância. Todos esses elementos podem ser vistos como efeitos do racismo, como também formas utilizadas por Rosalina para se manter costureira de mulheres brancas ricas:

Eu sofri muito, é porque nosso senhor sempre me deu paciência, nunca briguei com minhas freguesa, **tinha paciência de aguentar os desaforos** e agradecendo a Deus. Porque na época não se tinha tanta facilidade de ter costura, muitas costureiras ficaram desmarcando, fechava, porque não tinha oportunidade de ter uma freguesa boa... [tinha clientes que] mandavam fazer o vestido depois não buscava, não pagava... *Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 12 dez. 2019, grifo nosso.*

Segundo Ana Alves e Tânia Cunha ao escrever artigo sobre o livro de Costura Singer como fonte documental,<sup>55</sup> afirmaram que ao assumir dupla jornada de trabalho as mulheres estariam corroborando com a manutenção do sistema e o ofício da costura como atividade “complementar” na

54 Kabengele Munanga, “Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia”, in: Seminário Nacional Relações Raciais e Educação (3.: 2003: Rio de Janeiro), 5 nov. 2003. (p. 08).

55 Ana Elizabeth Santos Alves; Tânia Rocha Andrade Cunha. “Livro de Costura Singer: Fonte Documental Para Os Estudos Sobre Trabalho e Gênero”, *Revista HISTEDBR* nº especial[online], Campinas, mai. 2009, p. 293-304.

economia familiar, portanto, reforçando o patriarcalismo, uma vez que teoricamente se mantinham dependentes do homem, do principal provedor do sustento da família.

Convém, porém, destacar que no caso de Rosalina, por se tratar de uma mulher negra, o ofício da costura não se caracterizou como atividade “secundária”, ou “complementar” na economia da casa. Antes, porém, se caracterizou como principal meio de sustento do seu núcleo familiar (Rosalina, Ermita e Agripina). Ela e sua irmã Ermita trabalhavam juntas, Ermita a ajudava passando ferro, “ela trabalhava no Colégio [Ateneu] quando era no dia de sábado ia pra feira, me ajudava a terminar as costuras, ia levar as costuras, (...)”. (SANTOS, 2015).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Sergipe a família paterna e materna de Rosalina, duas famílias negras que se formaram no cativo em meados do século XIX, procuraram meios para se estabelecer com o fim formal da escravidão no Brasil. Enquanto a família paterna de Rosalina se manteve próxima do engenho que foram escravizados, procurando se estabelecer como “roceiros”, a família materna se estabeleceu povoando uma região de Santa Rosa, se afastando de certa forma do Engenho Mouco e Sapé.

A madrinha de Rosalina teve papel fundamental para a formação dela, foi quem a preparou para as lidas da costura e custeou sua educação, matriculando-a na LSCA e mais tarde no Colégio Nossa Senhora de Lourdes. A madrinha Rufina possibilitou uma nova realidade para além dos antigos engenhos e das novas usinas. Possivelmente a memória da sua bisavó Rosalina tenha influenciado a tornar-se costureira. Diante de um contexto de acirramento político, Rosalina seguia as orientações da sua mãe para não se expor e se prejudicar com fofocas no ambiente de trabalho.

Não “sujou na entrada”, Rosalina soube chegar muito bem no mercado de trabalho, no mundo das costuras em Aracaju dos anos 1940 e 1950. Silenciosamente, evitando conversas, fofocas, Rosalina procurou evitar eventuais problemas seguindo o conselho da sua mãe. No cotidiano dela houveram episódios de racismo, possivelmente Rosalina tenha percebido que o ambiente doméstico a tornava mais suscetível a episódios de violência. Portanto, ao se formar em Corte e Costura, procurou distanciar-se do ambiente doméstico, da sujeição nas casas das famílias brancas.

Tampouco “sujou na saída”, soube sair das casas das mulheres brancas. Com suas linhas conseguiu “arrastá-las” para os areais. Quando perceberam, se é que perceberam, já estavam conquistadas. Diante do exposto, podemos inferir que, assim como uma agulha, costurando o tecido social, Rosalina Santos através da “resistência passiva”, buscou definir uma forma mais confortável de se trabalhar, impondo suas próprias condições.

Ela buscou se estabelecer com clientes ricas, visto que com essa clientela não corria o risco de não ser remunerada. Prezando pela sua aparência, como “propaganda” do seu ofício de costureira, suas roupas, seu “salto alto” comunicavam a seriedade do seu trabalho, eram a “alma do negócio”.